

---

## GEOGRAFIA E O CONCEITO DA NATUREZA

*Suely Regina Del Grossi*

Profa. Dra. do Dep. de Geografia - UFU

### OBJETIVO

Este texto foi redigido com a finalidade de introduzirmos reflexões teóricas sobre a Geografia. Sobre esse assunto outras leituras serão obrigatórias no transcorrer do curso. Para planejar o ambiente são necessários conhecimentos não só da realidade a ser planejada, mas também de métodos e técnicas de como realizá-lo. Por isso é importante conhecer o papel que cabe ao geógrafo nessa tarefa e a sua obrigação de conhecer o corpo teórico da ciência com a qual trabalha. Os conceitos deste texto, embora colocados de maneira sucinta, são de responsabilidade do autor.

A opção para a discussão será encaminhada na direção de:

- I. - Analisar sucintamente o objeto da Geografia
- II. - Perspectivas de abordagem Geografia-natureza
- III. - O conceito de geossistema e natureza
- IV. - O materialismo histórico e o conceito de natureza

### I. Considerações a respeito do objeto da Geografia

Sabe-se que a Geografia refere-se a um campo do conhecimento polêmico, e que em termos científicos há uma grande controvérsia sobre a matéria tratada por essa disciplina, na indefinição do seu objeto e das múltiplas definições que lhe são atribuídas. Tratar do objeto da Geografia é assunto delicado, pois reflete a concepção que se possui da ciência geográfica.

Inicialmente achamos conveniente partir das definições tradicionais.

1. Ciência da superfície da Terra
2. Estudo da diferenciação regional da superfície da Terra

3. Estudo da distribuição das coisas sobre a Terra
4. Estudo das relações entre o homem e o meio

Nessas definições fica clara a idéia de que a análise das condições naturais sempre foi exposta como sendo objetivo inerente da ciência geográfica. Essa concepção se refletia na estruturação das obras geográficas e assim os textos, de caráter regional, tinham por hábito iniciar o estudo pela apresentação dos elementos naturais (geologia, relevo, clima, vegetação etc.) e só depois eram analisados os aspectos humanos e econômicos.

Outro fato a mencionar é que as condições ambientais, caracterizadoras do quadro natural, foram inicialmente concebidas como unidade integrada, interligada pelas relações entre os diversos componentes. No contexto científico do século XIX a focalização da natureza era global e sintética, e a Geografia era a disciplina no entremeio das ciências humanas e das ciências da natureza, objetivando o estudo global do ambiente humano.

O que se pode notar é que durante muito tempo os geógrafos, embora usufruindo conceitualmente o direito de estudar globalmente o meio natural, não souberam utilizar essa vantagem histórica, em virtude de confundir a integração com o enciclopedismo e o aprofundamento de questões particulares sobre determinados conjuntos de fenômenos.

Os geógrafos não estudavam diretamente o meio natural, mas realizavam numerosos estudos setoriais mais ou menos paralelos e só ocasionalmente chegavam a fornecer compreensão da totalidade desse meio. A expansão desses trabalhos setoriais como os relacionados com a geomorfologia, climatologia, biogeografia, hidrologia e pedologia criou condições para que se individualizassem como ciências autônomas. À medida que tais ciências se delineavam e se consagravam, parecia que aumentava o esvaziamento da chamada geografia física, ou seja, aquele setor da Geografia que estudava a natureza.

Cabe aqui uma consideração feita por Anuchin (1977) e citada por Cristofolletti (1981): "a sucessão de fases de síntese e análise mostra que os períodos nos quais o geral absorve o particular são sucedidos por períodos nos quais o particular destrói o geral, e uma única ciência se desintegra em numerosos ramos, e que fases de síntese sucedem as de análise". Isso parece-nos facilmente verificável na Geografia.

Pode-se então notar que, no decorrer das décadas posteriores a 1950, observa-se uma nova tendência em favor da síntese, mas com novas bases teóricas e metodológicas para sua execução. Nessa época o estabelecimento de clima científico propício à abordagem e valorização do quadro natural, os movimentos relacionados com problemas de conservação da natureza, e a preocupação em fornecer as bases necessárias para os planejamentos sócio-econômicos, contribuíram para que houvesse uma retomada nos estudos ligados à caracterização, estrutura e dinâmica das paisagens. Assim, a natureza passa a ser estudada pela Geografia através de um conjunto globalizado, caracterizado pelas unidades físi-geográficas integradas. Nessas unidades faz-se uma avaliação dos ambientes físicos e recursos naturais, envolvendo a análise dos processos atuantes e prognósticos da evolução futura, sob a influência das causas naturais e da interferência humana.

Dentro dessa abordagem surgiram as diversas designações, como: geografia da paisagem, geografia física global, geotopologia, geosistema, ecossistema, etc.

## II - Perspectivas de abordagens Geografia-natureza

Nas considerações a seguir tenta-se focalizar como a Geografia tem abordado a natureza. Algumas perspectivas podem ser esquematizadas:

1. Considerar a natureza como entidade independente do observador; ela surge como objeto individualizado, com formas e estruturas intrínsecas, possuindo existência objetiva e externa independentes, formando bases para a formulação de leis universais.

2. A segunda perspectiva nega a objetividade da

realidade ou salienta sua irrelevância quando encarada com a parcialidade da percepção humana frente ao mundo. Para essa perspectiva, a natureza assume valor e organização conforme as condições do observador. As características mentais e intelectuais do observador são bases para perceber e avaliar a estrutura e funcionamento da natureza.

3. A terceira perspectiva considera a natureza como o conjunto de todas as coisas existentes, ou seja, a realidade em sua totalidade. "Natureza é experiência coletiva" (Milton Santos - 1978).

Essas perspectivas denunciam posições filosóficas com evidentes implicações metodológicas na análise da natureza. A primeira baseia-se no positivismo lógico, estando claramente associada com a metodologia científica de analisar os objetos como entidades concretas e objetivas. Sua base é o empirismo e procura utilizar-se da capacidade mental para esclarecer uma realidade objetiva. A segunda baseia-se na fenomenologia, no comportamento subjetivo, podendo ser identificada com os estudos sociais ou psicológicos, centralizados no homem. A percepção é a sua base e utiliza a visão subjetiva sobre a realidade para estudar a variedade de imaginação exibida pela mente. Interliga-se com a perspectiva humanística em Geografia, principalmente na caracterizada pela contribuição de Yu Fu Tuan. Essa perspectiva encara a natureza na escala do sentir e do gostar, procurando adaptá-la ao bem estar do homem. A escala dominante de valor não é a procura de benefícios materiais, de recursos, mas de benefícios para a organização racional da natureza com a vivência humana. A terceira perspectiva, baseada no materialismo histórico, está preocupada com a interação sociedade-natureza, ou seja, que o mundo perceptível é o produto das forças espontâneas da natureza e do desenvolvimento social. Segundo essa perspectiva, quando a natureza se torna social, cabe à Geografia perscrutar e expor como o uso consciente do espaço pode ser um veículo para a restauração do homem à sua dignidade (Milton Santos - 1978).

Se essas perspectivas são distintas em seus princípios, a finalidade última é comum: conhecer a natureza e valorizá-la para as atividades e bem estar das sociedades humanas.

### III - O Conceito de geossistema e a natureza

De acordo com a primeira perspectiva, acima mencionada, há uma tentativa de compreender a natureza tendo em vista assegurar seu funcionamento e sua utilização, encarando os geossistemas como fontes de recursos ambientais. Nesse aspecto a natureza é o ambiente no qual o homem se insere, podendo usufruir benefícios para a sua sobrevivência.

Procurando entender como a natureza é considerada no estudo dos geossistemas, volta-se ao início deste trabalho, quando é referida uma nova tendência da Geografia a favor da síntese, agora ligada ao neopositivismo e à idéias epistemológicas surgidas com o Círculo de Viena.

Assim, aparecem novos conceitos e posições teóricas, entre os quais os propostos por Sotchava que, em 1960, introduziu o uso do termo geossistema.

Para o autor, os componentes da natureza não devem ser estudados pela Geografia por si mesmos, mas devem ser investigadas as conexões existentes entre eles.

A Geografia vai utilizar-se de muitas informações fornecidas por outras disciplinas, mas essas informações devem ser recompostas, reorganizadas e valorizadas em função dos objetivos da Geografia, projetando assim a sua dinâmica e funcionalidade. No estudo dos geossistemas, as atividades humanas não são ignoradas; elas participam na composição dos mesmos como mais um elemento, aliadas aos processos que contribuem para determinar as características em um determinado espaço.

Segundo Sotchava (1977), embora os geossistemas sejam fenômenos naturais, é indiscutível a interferência das atividades antrópicas em seu funcionamento. Ao estudar os geossistemas, deve-se considerar os subsistemas naturais e todas as influências dos fatores sociais e econômicos que repercutem nos sistemas naturais. Por essa razão, a Geografia Física preocupa-se com as relações homem e natureza, com os relacionamentos entre os meio ambientes e a ação antrópica, verificando os mecanismos de retroalimentação atuantes no sistema.

### IV - O materialismo histórico e o conceito de natureza

Nada ocorre na natureza de forma isolada. Cada fenômeno afeta o outro e é por ele influenciado, pois esse dinamismo existe não porque se "passa no curso do tempo, mas porque decorre do fluxo do tempo" (Vieira Pinto - 1969, citado por Rossini - 1983).

Coube ao homem, através de sua interferência na natureza, acelerar esse movimento de contínua mudança, pelo fato de introduzir novas plantas, modificar o clima, produzir o espaço etc. "E isto foi conseguido valendo-se, antes de tudo e sobretudo, da mão" (Engles - 1976, citado por Rossini - 1983).

Essas reflexões têm sido focalizadas pelos chamados geógrafos críticos, para os quais o objeto da Geografia deve ser visto não mais com a dicotomia natureza e sociedade, pois que nenhuma sociedade está fora do espaço, e o espaço do geógrafo é o espaço da sociedade. Dentro dessa perspectiva, o conceito de natureza está presente nas seguintes teses do materialismo histórico:

1. O mundo perceptível é produto das forças espontâneas da natureza e do desenvolvimento social;
2. Entre o homem vivendo em sociedade e a natureza há uma contradição que se resolve mediante o trabalho social. Sem trabalho é impossível a troca entre o homem e a natureza;
3. A diferença de consumo animal e consumo humano é ativa no sentido de que, antes de consumir, o homem deve produzir. Sem produção é inconcebível a existência humana.

Com base nessas idéias, a interação entre sociedade e natureza constitui um processo produtivo que se desenvolve tanto no espaço como no tempo. No espaço, sobre determinados fundamentos naturais, e no tempo porque cada nova etapa do desenvolvimento da sociedade corresponde à realização de um determinado nível de produção. E assim a sociedade, ao realizar um intercâmbio constante com a natureza, transforma o meio natural em meio geográfico. Nessa concepção é nítida a diferenciação entre

meio geográfico e ecossistema. A diferença substancial é que o homem, vivendo em sociedade, não é apenas um "ser vivo" e nem se adapta de maneira direta, como os animais. A Geografia não pode considerar o homem como um indivíduo, mas sim como ser social; sua relação com a natureza se faz primeiro com a adaptação ao meio social e através deste se dá a relação com o meio natural.

Outras idéias que poderíamos ainda discutir dentro desse enfoque social é que a Geografia não deve considerar as matérias primas como simples produto da natureza, mas sim como forças produtivas. Então, toda transformação geográfica de um determinado espaço implica em alguma forma de utilização das forças produtivas. A base natural da sociedade é inseparável de sua base técnica, ou seja: "o processo de produção das condições ambientais e os recursos se transformam de naturalmente surgidos em históricos. Se em um período do desenvolvimento da sociedade podem apresentar-se como fatores naturais da produção, em outro período se convertem em resultados históricos" (Lopes, 1980).

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Pensamos que é possível conciliar o conceito natureza-forças produtivas com o conceito natureza-geossistema. Com a crescente conscientização dos problemas da depredação da natureza, e pressionados por essa situação, os estudos de ambientes começam a exigir dos geógrafos respostas que possam explicar esses fenômenos. Para tanto deve-se considerar a natureza não como um elemento a-histórico, mas com significado determinado historicamente pelo modo de produção, podendo ser vista como valor de uso, conforme a ótica considerada. Em outras palavras, deve-se observar criticamente a situação do inter-relacionamento homem natureza, no geossistema, indo às estruturas que determinam esse tipo de relação. Logo, deve-se procurar, através dessa perspectiva, "explicar a paisagem" que é, na verdade, a aparência que assume a organização do espaço (Gonçalves - 1978).

Considera-se que a Geografia possa integrar ambas as perspectivas, visto que a natureza existe e reage como um todo.

### BIBLIOGRAFIA

- BERTRAND, G. *La géographie physique contre nature*. HERÓDOTE; 12:(77-98), 1978.
- COSTA, Wanderley M. & MORAES, A. Carlos. *Valor, espaço e a questão do método. Temas de Ciências Humanas*, São Paulo LECH: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda., 1979.
- CHRISTOFOLETTI, A. Geografia Física. *Boletim de Geografia Teórica*. Rio Claro, 11(21-22), 1981
- GEORGE, P. *Os métodos da Geografia*. Difusão Européia do Livro, Saber Atual, p. 119.
- GONÇALVES, C.W.P. A Geografia está em crise. Viva a Geografia!. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, Instituto de Geografia/USP, v.55, 1978.
- HARTSHORNE, R. *Propósitos e natureza da Geografia*. São Paulo, HUCITEC/EDUSP, 1978.
- MONTEIRO, Carlos Augusto. *A Geografia no Brasil (1934-1977): Avaliação e Tendências*. São Paulo, Instituto de Geografia/USP, 1980.
- MORAES, A.C.R. *Geografia - Pequena história crítica*. São Paulo, HUCITEC, 1983.
- QUAINI, Massimo. *Marxismo e Geografia*. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1979.
- ROSSINI, R.E. Pressupostos gerais para compreensão dos conflitos sociais no campo. In: *IV Encontro Nacional de Geografia Agrária*, Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 1983.
- SANTOS, M. *Por uma Geografia nova*. São Paulo, HUCITEC/EDUSP, 1982.
- SANTOS, M. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo, HUCITEC, 1982.
- SOTCHAVA, V.B. *O estudo dos geossistemas*. São Paulo IGEOG/USP, Vol. 16, 1977 (série Métodos em Questão).

LOPES, G.W. Natureza e Sociedade. In: *Suldesarolo Y Geografia*, Universidad de Los Andes, Venezuela, Capítulo 04, p. 81-95.

UMA REVISTA QUE VALE A PENA ASSINAR

Para isto, basta preencher e devolver o cupom abaixo, juntamente com um cheque nominal pagável à Universidade Federal de Uberlândia, que você a receberá, sem quaisquer despesas adicionais.

Desejo Receber a Revista Semestral  
**SOCIEDADE & NATUREZA**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Bairro: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Empresa ou Instituição onde Trabalha: \_\_\_\_\_

Cargo: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Endereço (se diferente): \_\_\_\_\_

ASSINALE SUA OPÇÃO

Assinatura Anual  
R\$ \_\_\_\_\_

Nº Avulso  
R\$ \_\_\_\_\_

Nºs

1 2 3 4 5/6 7/8 8/10

Envie seu pedido de assinatura para:  
**REVISTA SOCIEDADE & NATUREZA**  
Departamento de Geografia da UFU - Bloco H - Sala 15  
Caixa Postal 593  
Campus Santa Mônica  
38.400-902 - Uberlândia/MG - Brasil